

A PRESENÇA NEGRA NOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) DO BRASIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE O SILENCIAMENTO E O AQUILOMBAMENTO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: É TEMPO DE NOS AQUILOMBAR: A RESISTÊNCIA DE NEGRAS E NEGROS NUMA SOCIEDADE RACISTA

Davi Perdigo Carneiro¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
daviperdigao@aluno.unilab.edu.br

Antonia Suele de Souza Alves Pereira²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
suele@unilab.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência a partir da participação nos Encontros regional e nacional de grupos PET (Programa de Educação Tutorial), com foco na presença – ou ausência – de pessoas negras nesses espaços. Embora o PET seja um programa de excelência acadêmica que articula ensino, pesquisa e extensão, a vivência nesses encontros revelou sua branquitude estrutural. As atividades ofertadas majoritariamente ignoravam a dimensão racial, com raras exceções. A única atividade sobre o tema foi o minicurso “Ferramentas antirracistas para grupos PET”, espaço onde foi possível experienciar um aquilombamento afetivo e político. Nesse contexto, compartilhei experiências com outros estudantes negros que, em sua maioria, relatavam solidão, racismo e esgotamento. Em contraste, analiso minha vivência no PET de Humanidades e Letras da UNILAB, grupo majoritariamente negro, que representa uma exceção no cenário nacional dos PETs. Com base em conceitos como escrevivência (Conceição Evaristo), dororidade (Vilma Piedade) e quilombismo (Abdias e Beatriz Nascimento), proponho uma reflexão sobre o pertencimento, as tensões e as possibilidades de construção coletiva negra em ambientes universitários. Enquanto jovem negro, gay e periférico, proponho a noção de dororidade como experiência que conecta afetos e resistências entre corpos racializados e dissidentes.

Palavras Chave: Racismo; Escrevivência; Dororidade; Aquilombamento.

¹ Graduando no curso de bacharelado em humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) - Unidade Acadêmica Palmares - Ceará, Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras - PETHL.

² Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); Docente do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa - UNILAB - Unidade Acadêmica Palmares - Ceará, Tutora do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras - PETHL.

INTRODUÇÃO

O que é o PET e quem cabe nele? A presença negra no ensino superior brasileiro ainda é marcada por desigualdades históricas e estruturais, que se reproduzem também em programas acadêmicos de destaque como o PET (Programa de Educação Tutorial) que é uma ação do Ministério da Educação (MEC) voltada para a formação de excelência de estudantes de graduação, unindo ensino, pesquisa e extensão. Grupos PET são, por isso, espaços de prestígio acadêmico, incentivo à produção científica e formação cidadã.

Entretanto, a composição social e racial desses grupos revela uma permanência da desigualdade estrutural: são grupos, majoritariamente, compostos por bolsistas brancos, cis-heteronormativos e de maior capital socioeconômico, que pouco ou nada dialogam com a diversidade étnico-racial presente nas universidades públicas brasileiras. Essa ausência se evidencia principalmente em espaços de circulação mais ampla, como os encontros regionais e nacionais.

O presente trabalho parte da experiência vivida no PET Humanidades e Letras (PETHL) da UNILAB para discutir como a racialização das relações acadêmicas produz exclusões e, ao mesmo tempo, formas de resistência. Este trabalho pretende, portanto, inscrever uma *escrevivência*³ acadêmica que problematize o Programa de Educação Tutorial como espaço de disputa, tensão e possibilidade de aquilombamento.

RELATO DE VIVÊNCIA: ENCONTROS REGIONAIS E NACIONAIS COMO ESPAÇOS DE SOLIDÃO NEGRA

Durante minha participação no Encontro de PETianos do Nordeste e no Encontro Nacional dos Grupos PET, vivenciei diretamente o sentimento de exclusão racial. O ambiente era branco — em sua maioria esmagadora — e os espaços formativos não consideravam a dimensão racial. Todas as atividades — minicursos, palestras, oficinas — reproduziam uma lógica de neutralidade branca. A única exceção foi o minicurso “Ferramentas antirracistas para grupos PET”, que reuniu majoritariamente estudantes negros. Ali foi o único momento de respiro, de identificação, de partilha real. Foi nesse espaço que me aquilombei.

Ali nos reunimos entre pessoas negras, vindas de diferentes regiões, para compartilhar nossas dores, experiências de solidão e resistência. Nesse espaço, relatos fortes emergiram: uma jovem negra contou ser a única em seu grupo e que, ao sair, deixaria o grupo totalmente branco. Esse relato, entre outros, me atravessou. Percebi que, enquanto a lógica dos encontros era de exclusão, nesse minicurso foi espaço de partilha das experiências.

Nesse encontro, percebi o quanto a dororidade, termo cunhado por Vilma Piedade, nos unia ali: a partilha da dor coletiva nos aproximava. Ao evocar o termo dororidade na perspectiva da minha própria identidade — jovem negro, gay e periférico — amplio a noção original para abarcar não apenas as mulheres negras, mas também outras subjetividades

³ O termo *escrevivência* foi cunhado por Conceição Evaristo para designar uma escrita que emerge da experiência vivida por pessoas negras, especialmente mulheres negras. O termo carrega, portanto, a consciência de que o que se narra é fruto de um corpo situado, um sujeito racializado, de gênero e classe, que elabora sua história para além da neutralidade ilusória da escrita tradicional eurocentrada. Ao utilizar esse conceito em meu relato, busco valorizar a narrativa autobiográfica como forma de insurgência contra as narrativas hegemônicas que silenciam e marginalizam vivências negras. (EVARISTO, 2017).

negras dissidentes unidas pela dor e pela luta. Essa ampliação reforça a dimensão política da dororidade como elo de resistência coletiva que conecta as vivências diversas em um processo de reexistência.

A jovem negra que se apresenta como a única pessoa negra em seu grupo exemplifica a invisibilidade e o isolamento racial que muitos enfrentam em espaços socialmente hegemônicos. Essa condição de solidão racial se transforma, entretanto, em uma conexão profunda quando o encontro propicia o reconhecimento mútuo do sofrimento histórico e contemporâneo que atravessa corpos e existências negras. A escuta atenta dessas histórias de vida revela que as experiências alheias, embora distintas, frequentemente ressoam tão fortemente que parecem fundir-se com as minhas, como se fossem parte do meu próprio relato como revela Conceição Evaristo:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (EVARISTO, 2016, p. 5)

Isso enfatiza a escuta como ato político e de cuidado, onde as experiências alheias e próprias se entrelaçam. O choro que nasce não apenas da emoção individual, mas da comunhão com a dor do outro, torna-se símbolo da humanidade partilhada, da vulnerabilidade coletiva e da possibilidade de cura e resistência.

Nesse sentido, a dororidade como conceito e prática emerge como um espaço de construção de solidariedade negra, onde a dor é reconhecida e transformada em força política, afetiva e cultural para enfrentar as múltiplas opressões. A escuta atenta e o compartilhamento do sofrimento cria aquilombamento que são redes invisíveis que sustentam a luta e afirmam a existência negra em contextos de exclusão.

O PETHL - UNILAB COMO CASO EXCEPCIONAL DE AQUILOMBAMENTO

Enquanto a maioria dos grupos PET do Brasil é composta por bolsistas brancos, a UNILAB, enquanto universidade afro-brasileira e internacional, proporciona um ambiente singular: o PETHL, uma exceção por ser majoritariamente formado por bolsistas negros, sobretudo africanos. Desde sua criação em 2013, passaram pelo grupo 52 estudantes, sendo 31 negros (17 internacionais 14 nacionais). Atualmente, o grupo tem 12 estudantes, a maioria negros, com diferentes nacionalidades, gêneros e sexualidades. O PETHL é um espaço onde o pertencimento racial é possível. Diferente de muitos grupos PETs do Brasil, onde os estudantes negros vivenciam a solidão institucional, aqui é possível se reconhecer no outro.

Essa composição faz do PETHL um espaço raro de pertencimento e de convivência racial positiva no ambiente universitário. No entanto, isso não significa a ausência de conflitos. Mesmo sendo um espaço majoritariamente negro, seguimos enfrentando tensões internas atravessadas por gênero, sexualidade, classe e territorialidade. O aquilombamento que aqui se vive não é romantizado nem idealizado — ele é construído na prática cotidiana, entre afetos e enfrentamentos. O PETHL se constitui, assim, como uma experiência radical de aquilombamento acadêmico, que resiste mesmo

diante dos desafios estruturais e das interseccionalidades que atravessam e pluralizam nossas vivências e identidades negras.

Para Antônio Bispo dos Santos (2023), conhecido como Nêgo Bispo, o quilombo ultrapassa o lugar físico e se configura como um modo de vida e um movimento baseado na autonomia, solidariedade, ancestralidade e reciprocidade, constituindo uma forma de insurgência cotidiana contra a colonialidade. Sendo assim podemos compreender o PETHL como uma forma de insurgência cotidiana frente à colonialidade do saber, do poder e do ser. **Aquilombar-se** é praticar uma política de vida baseada na comunhão de experiências entre sujeitos que enfrentam a violência do mundo colonial-moderno, operando na contramão das lógicas hegemônicas ocidentais. É um “ajuntamento insurgente” que gera estratégias de existência, memória e resistência.

Abdias Nascimento, intelectual e ativista do movimento negro brasileiro, reforça a ideia de que o **quilombo** é também um símbolo de construção de uma consciência negra coletiva, afirmando que os quilombos representaram formas de reagrupamento e reestruturação étnico-cultural do povo negro no Brasil (NASCIMENTO, 2003). Em seu pensamento, os quilombos são experiências originárias de **afirmatividade e produção de conhecimento negro**, sendo fundantes para qualquer projeto de emancipação afrocentrado.

Não proponho apenas um relato, mas um verdadeiro chamado à reflexão e à ação. A universidade pública, enquanto espaço de produção e circulação de saberes, precisa ser de fato diversa e inclusiva, indo além do discurso formal. É imprescindível que ela reconheça e valorize as presenças negras nos espaços de prestígio acadêmico, como os Grupos PET. Mais do que implementar políticas de acesso, como as cotas, é urgente que se garanta o pertencimento, o cuidado e a construção de memória para os estudantes negros que ocupam esses espaços. Pertencimento que se traduz não em condições materiais, mas em ambientes afetivos e culturais que promovam o fortalecimento da identidade negra, o reconhecimento da ancestralidade e o enfrentamento das múltiplas formas de racismo.

O relato de Bezerra et al. (2023) sobre oficinas com bonecas Abayomi demonstra como práticas educativas racializadas e afetivas podem transformar o espaço acadêmico em território de resistência, memória e valorização negra. Desse mesmo modo, o PETHL tem buscado aquilombar a universidade a partir de metodologias de afeto, reconhecimento e coletividade que subvertem os silêncios institucionais.

É necessário transformar os Grupos PET em verdadeiros territórios de resistência, solidariedade e produção coletiva de conhecimento que dialoguem com as lutas antirracistas e decoloniais. Quilombos que não sejam apenas referências históricas, mas práticas vivas e pulsantes dentro da universidade, capazes de articular saberes, criar redes de apoio e fomentar projetos que valorizem as culturas negras, promovendo uma educação emancipatória e transformadora.

METODOLOGIA

A escrevivência, conceito central de Conceição Evaristo (2005), orienta este texto como instrumento de denúncia e afirmação. A dororidade (Piedade, 2018) é relida aqui como uma possibilidade entre sujeitos dissidentes. O quilombismo (Abdias e Beatriz Nascimento) é retomado como proposta de organização coletiva negra. Neste texto, a

vivência pessoal se transforma em território político. O trabalho assume uma perspectiva qualitativa, ancorada em dois pilares: (1) o relato de experiência como ferramenta de denúncia e elaboração crítica, seguindo os princípios da escrevivência (EVARISTO, 2005); e (2) a análise documental de dados do PETHL desde sua criação em 2013 até o presente, incluindo sua composição racial, de gênero e territorial.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise revela que o PETHL representa uma exceção à hegemonia branca dos grupos PET no Brasil. Desde sua fundação, passou por três tutoras brancas e acolheu 52 estudantes, sendo 31 negros (17 africanos e 14 brasileiros). A experiência em encontros regionais e nacionais de grupos PET evidenciou a solidão negra e a sensação de deslocamento. Por outro lado, o PETHL tem se constituído como espaço de fortalecimento coletivo, convivência intercontinental e disputa epistêmica, funcionando como um aquilombamento pedagógico que resiste ao epistemicídio. A convivência entre estudantes negros de diferentes realidades (nacionais e internacionais) permite tensionar estereótipos, construir alianças e fomentar práticas pedagógicas antirracistas. O PETHL oferece uma experiência radical de aquilombamento pedagógico ao criar espaço de proteção, resistência e solidariedade negra, não necessariamente físico, mas simbólico, social e político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença negra nos grupos PET não pode ser apenas resistência silenciosa. É urgente transformar os PETs em espaços plurais, antirracistas e interseccionais. O relato aqui apresentado é um convite a reimaginar essas estruturas a partir de nossas experiências e insurgências. Este trabalho denuncia o esvaziamento da questão racial nos grupos PET a nível nacional. A presença negra nesses espaços precisa deixar de ser exceção para tornar-se norma. Reafirmo a importância de valorizar experiências negras no ensino superior, especialmente em programas como o PET, que podem reproduzir exclusões mesmo sob o discurso da excelência acadêmica. A partir da minha experiência como jovem negro, gay e periférico, proponho uma reflexão sobre pertencimento, aquilombamento e resistência. O PETHL da UNILAB mostra que outras existências são possíveis. Mas para isso, é preciso coragem política: de escutar, acolher, mudar. É tempo de nos aquilombar.

Profunda gratidão a todos os integrantes do Grupo PETHL da UNILAB, cuja dedicação, engajamento e espírito coletivo foram fundamentais para a realização deste trabalho. Cada contribuição, debate e troca de saberes fortaleceu o trabalho.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Escrevivência: conceito e trajetória. Em: **“Escrevivência – Mulheres negras, escritoras”**, organizadoras: Conceição Evaristo e Rosana Hermann. Coleção Cadernos de Literatura Oral, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência negra**. In: SANTOS, Sales Augusto dos (org.). Beatriz Nascimento: textos, entrevistas, imagens. São Paulo: Instituto Kuanza, 2008.

BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nêgo Bispo). *Nego Bispo: “querem nos pintar de coitados, mas nós somos um movimento contracolonial”*. Entrevista concedida a Bruno de Castro. *Ceará Criolo*, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/nego-bispo-querem-nos-pintar-de-coitados-mas-nos-somos-um-movimento-contracolonial/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

BEZERRA, Antônia Kácia Sousa; FILIPE, Graça Sebastião; BARROS, Vitória D’Avila Serafim de; PEREIRA, Antônia Suele de Souza Alves. **A importância das bonecas Abayomi para a história do combate ao racismo**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA, 14., 2023. Anais [...]. p. 18–25.

